

COM OS QUADRINHOS NAS MÃOS: HUMOR E LIBRAS NA TURMA DA MÔNICA

Rozilda Almeida Neves Magalhães¹

Lucas Santos Campos²

RESUMO: Desde que a Declaração de Salamanca foi apresentada ao mundo, no ano de 1994, orientando sobre os “Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais” que, no Brasil, a introdução da palavra “inclusão” vem ganhando ação e visibilidade. Com isso, muita atitude de exclusão frente às pessoas com deficiência e/ou diferença na forma de aprender, emanada da sociedade tem sido modificada. Na seara linguística, encontra-se a contribuição do escritor e desenhista Maurício de Souza, que reestruturou sua produção editorial, apresentando à bancada leitora um episódio da “Turma da Mônica” na língua de sinais. Diante a esta explanação, além de Souza, a pesquisa tem na revisão bibliográfica um suporte teórico a partir da Linguística Funcionalista, do Sociointeracionismo e, de estudiosos que se debruçaram a desvendar a educação dos sujeitos surdos, as histórias em quadrinhos e os fenômenos das línguas. Adianta-se que as articulações linguísticas e humorísticas impregnadas na edição “Humberto em Aprendendo a Falar com as Mãos” (nº. 239, 2006), que serviu de base para a realização da pesquisa, tende a dar visibilidade e humor, em contextos dialógicos, à língua visual motora do sujeito surdo. Ademais, Maurício de Souza demonstra que o gênero textual “histórias em quadrinhos” pode ser contributivo e impulsionador da derrubada de preconceitos linguísticos, condição necessária à construção da sociedade inclusiva.

PALAVRAS- CHAVE: LIBRAS. Humor. Turma da Mônica.

ABSTRACT: Since the Declaration of Salamanca was presented to the world in 1994, guiding the "Principles, Policies and Practices in the Area of Special Educational Needs", that in Brazil the introduction of the word "inclusion" has been gaining in action and visibility. With this, a lot of attitude of exclusion towards people with disabilities and / or difference in the way of learning emanated from society has been modified. In the linguistic area, there is the contribution of the writer and designer Maurício de Souza, who restructured his editorial production, presenting to the reader's stand an episode of "Turma da Mônica" in sign language. In view of this explanation, in addition to Souza, the research has in the bibliographic review a theoretical support from the Functionalist Linguistics, Sociointeracionismo and, from scholars who have worked to uncover the education of deaf subjects, comics and language phenomena. It is anticipated that the linguistic and humorous articulations impregnated in the edition "Humberto in Learning to Speak to the Hands" (nº 239, 2006), which served as the base for the realization of the research, tends to give visibility and humor, in dialogic contexts , To the visual motor language of the deaf subject. In addition, Maurício de Souza demonstrates that the textual genre "comics" can be contributory and driving the overthrow of linguistic prejudices, a necessary condition for the construction of an inclusive society.

¹ Mestranda em Letras: Cultura, Educação e Linguagem. PPGCEL/UESB/Vitória da Conquista/BRASIL - BA. E-mail: rozildamagalhaes@yahoo.com.br.

² Professor do PPGCEL/UESB/ Vitória da Conquista – BA/BRASIL. E-mail: camposacademico@gmail.com.

KEYWORDS: LIBRAS. Humor. Mônica's gang.

Palavras iniciais

Para todas as atividades que pensamos em executar na nossa vida cotidiana, enquanto ouvintes da língua portuguesa recorreremos à língua (gem) oral e/ou sinalizada, isso porque a Língua Portuguesa é munida também de símbolos gestuais (português sinalizado). Para expressarmos algo que indica uma situação positiva e/ou negativa, por exemplo, podemos verbalizar palavras, ou simplesmente utilizar gestos feitos pelas mãos.

Contudo, mesmo utilizando aportes sinalizados em sua comunicação, os indivíduos ouvintes usam com mais frequência e intensidade a língua oral ou a mescla dos dois formatos. Entretanto, se para a pessoa que escuta a língua que emite som, é o instrumento de comunicação, para a pessoa surda será a língua de sinais. É através do uso dos sinais que o homem surdo se constitui sujeito social.

Ambas as língua (gens) oral e sinalizada apresentam características distintas que variam de acordo com o indivíduo que a utiliza, portanto, considerando que as mesmas sofrem influência da cultura e do meio social, não se pode determinar que uma seja melhor ou inferior a outra, pois seria desconsiderar essas influências. Ademais, no instante em que cada indivíduo, com sua particularidade, consegue se comunicar a língua (gem) tem sua função exercida.

Neste artigo, interessa discutir a língua de sinais, ou seja, problematizaremos a presença da LIBRAS em um episódio humorístico da história em quadrinhos (HQs) escrita por Maurício de Souza, pois essa língua começa, a partir do ano de 2002 com a lei 10.436, fazer parte dos emergentes linguísticos que visam ressignificar e valorizar a produção de conhecimentos acerca da vida lingüísticocultural e sociohistórica das pessoas surdas.

No que se refere às línguas de sinais, não é de hoje que os gestos demonstraram empoderar seus usuários, na medida que transmitiram grandes e significativas mensagens, além de acessarem o mundo social-visual constituindo-se plenamente quando, mediado pela língua visual-motora, discutiram e produziram conhecimentos acerca de áreas do saber.

Na atualidade, a língua de sinais continua ávida, bela e capaz de contornar cenários multiformes demonstrando que o seu domínio é aquele povoado pelo homem surdo. Com suas possibilidades socioculturais a LIBRAS, por exemplo, permeia o mundo das produções escritas. Neste cenário encontramos uma história em quadrinhos escrita por Maurício de Souza e publicada na HQs da Turma da Mônica. A produção serviu de aparato para a realização de uma breve análise, já se observando desde o início uma carga de reflexão associada ao humor, tempo em que se apresenta como uma possibilidade comunicativa entre surdos e ouvintes, por assumir uma função social dentro de um contexto, demonstrando que é possível existir e sedimentar o humor, o entretenimento e conseqüentemente os risos fartos, em meio sociolinguístico frequentados por pessoas surdas.

A história elaborada por Maurício de Souza apresenta nos diálogos utilizados o alfabeto visual motor da LIBRAS como identificador da narrativa surda, tendo enredo com início, meio e fim, acompanhado da localização temporal e espacial para situarem os personagens e leitores. Contudo, para alavancar a compreensão e análise a que se propõe se faz relevante abordar ao longo do artigo, aspectos que sombreiam a Língua de Sinais, a cultura surda, o entretenimento e o humor, bem como os pormenores linguísticos presentes no texto em quadrinhos escrito por Maurício de Souza.

A Pessoa Surda e a Língua de Sinais

No ano de 1994 a UNESCO lançou um documento denominado Declaração de Salamanca. A escrita propôs uma reflexão sobre princípios, política e práticas na área das necessidades educativas especiais. Na declaração (1994, p.1) está crivado:

REAFIRMANDO o direito à educação de todos os indivíduos, tal como está inscrito na Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948, e renovando a garantia dada pela comunidade mundial na Conferência Mundial sobre Educação para Todos de 1990 de assegurar esse direito, independentemente das diferenças individuais... NOTANDO com satisfação o envolvimento crescente dos governos, dos grupos de pressão, dos grupos comunitários e de pais, e, em particular, das organizações de pessoas com deficiência, na procura da promoção do acesso à educação para a maioria dos que apresentam necessidades especiais e que ainda não foram por ela abrangidos; e RECONHECENDO, como prova deste envolvimento, a participação ativa dos representantes de alto nível de numerosos governos, de agências especializadas e de organizações intergovernamentais nesta Conferência Mundial.

É desde a data do documento apresentado, que a sociedade tem buscado, cada um ao seu modo, remover barreiras que travam o avanço do processo de ³inclusão. Contudo, para se chegar à escrita do referido documento foi preciso recorrer aos fatos históricos para justificar, no presente, a necessidade de mudança pela qual a sociedade linguística, arquitetônica, atitudinal, pedagógica deve passar para sedimentar, de fato e de direito o mundo que valoriza as peculiaridades e necessidades de vida social de cada um.

No que tange ao indivíduo surdo, sabe-se que em toda sua história de vida demonstrou haver a necessidade de travar lutas que o levou ao encontro de políticas linguísticas para culminância do reconhecimento dos gestos como manifestação legal e completa da sua língua. Neste aspecto, ressaltam-se os embates travados com a própria sociedade e com a família, quando impunham frente a estas as suas mãos como mediadoras naturais das suas argumentações para ressaltar o seu ser “surdo”.

Com efeito, em se tratando do uso da palavra “surdo”, Sá (2002, p. 49) entende:

O termo “surdo” é aquele com o qual as pessoas que não ouvem referem-se a si mesmos e a seus pares. Uma pessoa surda é alguém que vivencia um déficit de audição que o impede de adquirir, de maneira natural, a língua oral/auditiva usada pela comunidade majoritária e que constrói sua identidade calcada principalmente nesta diferença, utilizando-se de estratégias cognitivas e de manifestações comportamentais e culturais diferentes da maioria das pessoas que ouvem.

Daí infere-se, que ser surdo é ter uma identidade possível de ser lida e contada em mãos sinalizadas na língua visual e motora.

No Brasil, atualmente, a pessoa surda caminha lado a lado com a LIBRAS, sua língua natural, isso significa mais que uma conquista, significa liberdade para poder manifestar, em tempo real, sua cultura, sua identidade e sua condição biopsicossocial na perspectiva socioantropológico da diferença ao poder vestir-se de “homem surdo”.

Evidentemente, foi mediante os acordos sociolinguísticos e a ação das políticas linguísticas, atreladas às lutas e reivindicações acirradas do povo surdo brasileiro que a LIBRAS ficou reconhecida no ano de 2002 como meio legal de comunicação das comunidades de fala visual-motora, a partir da Lei 10.436.

Tratando das políticas linguísticas de uma língua é possível ascender a fala do

³ Segundo Mantoan (2005, p. 26), “inclusão é a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós”.

professor Rajagopalan (2013, p. 34-35) quando diz que “todo gesto de cunho político envolve uma questão de escolha - escolha entre diferentes alternativas que se apresentam ... a questão da escolha salta aos olhos quando se discute a operacionalidade da política linguística”. Ver-se então, que é possível descaracterizar, ainda que momentaneamente, a elevação e exaltação da estrutura da língua, para num ato político do povo, escolher e arquitetar os seus acordos sempre oriundos das negociações linguística entre o governo, a sociedade e o usuário.

Para conceituar a língua pertencente a comunidade surda brasileira, que teve seu apogeu e destaque após ser ouvida e respeitada pelas políticas linguísticas é salutar chamar a lei 10.426/02 quando declara:

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Esta citação da lei é, conseqüentemente, um enfoque político e socioantropológico que associado ao Decreto 5626/05 classifica, significa e valorizar, a pessoa surda como:

Art. 2º. Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Contudo, é a partir destas conceituações que atualmente a interpretação do sujeito surdo como pessoa deficiente é anulada para dar lugar de visibilidade a um sujeito histórico e social, definido pela língua que usa na construção de saberes e, principalmente, nas interações que realizam com o mundo utilizando sabiamente o canal visual-motor.

Neste enfoque, inquieto com o sentido tomado pelo termo deficiência, Padden e Humphries (1988, p. 44) escreve:

'deficiência' é um rótulo que historicamente não pertence às pessoas Surdas. Sugere auto - representações políticas e objetivos que não são familiares ao grupo. Quando pessoas Surdas discutem sua surdez, usam termos profundamente relacionados a sua língua, seu passado, e sua comunidade. As pessoas surdas têm uma história de aliançar-se a outros grupos deficientes, mas não é um termo primário de auto - identificação.

Na intenção da visão clínica, a pessoa surda é considerada incompleta por não possuir mecanismos orgânicos que ative a audição do som, tendo, portanto, o corpo

mutilado e deficiente. Criticando as imersões clínica, (SKLIAR, 1997 apud BISOL, 2008, p. 17), ressalta:

O modelo clínico-terapêutico, preocupado principalmente com o diagnóstico e a reabilitação, reforça a visão da educação como método reabilitador colocado em cena a partir do diagnóstico médico, orientando a atenção para a cura do problema auditivo, correção de defeitos da fala e treinamento de habilidades como leitura labial.

Distanciando da visão clínica, atualmente a representação do indivíduo surdo propõe que a surdez seja vista como uma diferença sociocultural e linguística, um jeito particular de interagir e perceber o mundo. Fazendo inferência a essa tendência, Skliar (1997, p. 144), comenta:

Esse modelo socioantropológico tem como base dois fatos marcantes, a saber: o fato de que os surdos constroem comunidades nas quais o elemento de aproximação é a língua de sinais, e a constatação de que os filhos surdos de pais surdos apresentam melhores níveis acadêmicos, melhor habilidade para a língua oral e escrita e níveis de leitura e escrita semelhantes a dos ouvintes.

Assim, fica entendido que na visão antropológica o surdo diferencia-se das outras pessoas pela maneira como se comunica, ou seja, utilizando a língua de sinais para manifestar a sua identidade e cultura.

Vale ressaltar, que a tendência socioantropológica sugere, então, que a educação da pessoa surda deva ser pautada pelo ensino formal, tendo a língua de sinais como elemento de instrução com bases cultural e histórica primeira e, a língua portuguesa como segunda opção a ser ensinada/aprendida na estrutura escrita.

Em suas representações interativas a língua de sinais permite ao sujeito surdo apurar as mais diferentes manifestações de sua cultura. Seria possível, por exemplo, adentrar ao mundo do humor perpassando pela leitura e interpretação de histórias em quadrinhos que estampassem em suas páginas os sinais da LIBRAS. No entanto, esta é uma realidade que ainda desponta timidamente no cenário sociocomunicativo das HQs, merecendo, emergir, muitas provocações e debates.

O humor na Cultura Surda

O ato de achar graça das coisas ao interpretar o mundo que o cerca é próprio do dia a dia do ser humano, isso acontece pela existência da linguagem materializada nas trocas dialógicas, condição que o diferencia dos outros animais. Neste enfoque, o

homem é construtor e produtor de cultura e, o humor aparecerá revestido e reverberado nos aspectos identitários do grupo ao qual, cada homem, encontra-se inserido. Dada o valor que carrega a palavra humor dentro do seio cultural, o dicionário Dicio, dicionário online, traz como significado para a palavra:

Humor - Substantivo Masculino. Disposição de ânimo de uma pessoa em relação a alguma coisa ou em algum momento; estado de espírito, temperamento: ele está sempre de bom humor. Veia cômica, ironia delicada e alegre, ditos e gestos engraçados e espirituosos; humorismo, comicidade, graça: ele utiliza o humor para encantar a plateia [...].

Partindo desse conceito, a comicidade, a alegria e os gestos, imbuídos de interpretação fazem aflorar o humor. No entanto, às vezes, algumas situações que levam a comportamentos diferenciados que, conforme a situação ocupada alegre ou entristecem a cada um. Muitas vezes uma situação que revela motivos para um ser humano chorar, para outro é motivo de riso. Quantas vezes sorrimos quando alguém cai e, o mesmo comportamento não acontece para quem está no chão.

De certo que a condição para existência do humor é evidenciada por um indivíduo, associado a um ambiente e a uma situação. Assim, onde houver a presença humana, haverá a possibilidade do humor se revelar impregnado de cultura, em risos, satisfações, emoções e alegrias. Strobel (2008, p. 64), falando, especificamente, sobre cultura surda sublinha:

Por muitas gerações os povos surdos transmitem muitas histórias através de língua de sinais; a maioria delas parte de experiências das comunidades surdas que transmitem seus valores e orgulhos da cultura surda que reforça os vínculos que os unem com as gerações surdas mais jovens.

Nesse sentido, todos os seres humanos são produtores e portadores de sentimentos culturais, de emoções e de composições históricas que levam a transcender a realidade para, através do entretenimento, revelar humor fácil em situações naturais que emergem do seu grupo cultural e, que é repassado espontaneamente e naturalmente às gerações.

Vê-se, então, que na vertente religiosa ao “ser criado” cabia viver a história incluindo nela a materialização da alegria e, conseqüentemente, do humor. De modo que tanto na visão sagrada quanto na profana o homem devia ser referencial de produção e consumo do humor. Numa busca temporal é possível encontrar registros em que a pessoa com deficiência servia de motivadoras dos risos necessários à

alegria dos moradores e frequentadores das cortes, pois serviam ao entretenimento dos monarcas, de seus familiares e convidados. Nogueira traz um complemento ao assunto:

Na Idade Média, deficientes encontram abrigo nas igrejas, como o “Quasímodo” do livro o Corcunda de Notre Dame, de Victor Hugo, que vivia isolado na Torre da Catedral de Paris. Na mesma época os deficientes ganham uma função: Bobos da Corte.

É possível arriscar dizer, que a condição de ser surdo, bem como a forma peculiar de se expressar usando o canal visual-motor ou usando, ainda, outras manifestações para emitir comunicação (leitura labial, apontamento das coisas com o dedo...) ao longo da história, serviram de interpretação para açoiar, sem intenção, os risos de uma sociedade excludente. Numa perspectiva positiva, podemos dizer que o “humor sinalizado” perpassa todas as artes e manifestação da língua. Charles Chaplin, por exemplo, apontou através dos episódios apresentados no cinema mudo que era possível achar graça, sorrir, compreender, interpretar, alegrar-se e adentrar a vida social através do humor, utilizando-se de gestos contextualizados.

Com estes fragmentos de ideias, ver-se que a vida das pessoas com alguma diferença física, sensorial e intelectual, direta ou indiretamente, sempre esteve em eminência no foco da vida social, em alguns momentos exaltados em outros menosprezados.

De provocadores de sentimentos antagônicos (risos, repúdio, compaixão, santidade, feitiçaria...) a pessoas de direitos, os surdos careceram de lanternas com lampejos linguísticos, uma vez que suas conquistas foram sedimentadas em batalhas e lutas em prol da validação da língua que nutre a sua cultura.

Atualmente, com as políticas públicas em prol do processo de inclusão, ao sujeito surdo é colocada a oportunidade escolhas, cabendo ao mesmo, embebecido de sua identidade linguística, reivindicar a prática dos seus direitos, inclusive em relação a produção artístico-cultural que ressalte a sua língua, sendo as histórias em quadrinhos um caminho a ser perseguido com mais afinco. Isso se justifica, na medida em que, enquanto gênero textual nutrido de humor, as histórias em quadrinhos encantam a todos, devendo por isso encontrar lugar de assento também na cultura surda, pois carecem que a língua de sinais seja estampa das suas páginas.

Em relação ao gênero textual HQs apresentado e associado à língua de sinais, tomamos os entendimentos de Bazerman (2006, p. 84) inferindo:

Os gêneros nos ajudam a navegar dentro de complexos mundos da comunicação escrita e da atividade simbólica, porque, ao reconhecer uma espécie de texto, reconhecemos muitas coisas sobre a situação social e institucional, as atividades propostas, os papéis disponíveis do escritor e do leitor, os motivos, as ideias, as ideologias e o conteúdo esperado do documento e o lugar onde isso tudo pode caber em nossa vida.

Na ênfase social e ideológica, o humor encontrará ancoradouro nos projetos de dizer o mundo pelo indivíduo surdo. Porém, pela escassez e/ou limitação de materiais que carregam o gênero humor (piadas, anedotas, tirinhas, charges...) produzidas e registrados em papel, na língua dos sujeitos surdos, é possível acreditar que, numa versão tradicional, portanto, ultrapassada e inconsequente, o povo surdo não tem motivo para sorrir, entreter-se ou mesmo que não conhecem as multiformas de se produzir e adentrar ao mundo do humor. Derrubando este paradigma Karnoop (2014, p 171) traz a piada como exemplo de humor na cultura surda e diz,

Entre as várias piadas que circulam na comunidade surda e que os fazem “rir dos outros” (ouvintes), focalizando problemas de comunicação, escolhemos, para explorar, a que denominamos “Árvore Surda”. Lembramos que tais histórias se aproximam entre si porque apresentam cenas nas quais existem problemas para os ouvintes, visto que não sabem sinais. Nessas situações, zomba-se dos limites de ouvintes no uso da língua de sinais.

A ideia de existir escassez do registro das produções humorísticas realizadas pelos indivíduos surdos utilizando os sinais da LIBRAS é possível, porém, quem convive com a comunidade surda tem a oportunidade de presenciar as inúmeras formas de se fazer e apresentar humor. Sobre essa temática, a autora (2014, p. 93-109) continua:

Conclui-se que o humor privilegia temas socialmente controversos e as diferentes versões da piada Leão Surdo aborda a diferença linguística e cultural, a inversão de olhares, através de cenas que apresentam as vantagens de ser surdo, a comunicação com ouvintes, bem como a língua de sinais como conhecimento determinante para o final (in)feliz da história. O inesperado acontece: o violinista é devorado, pois a técnica – musical e auditiva – empregada para fazer leões adormecerem não funciona com o leão surdo. No entanto, em uma das versões dessa piada, quando o violinista usa a língua de sinais, o leão surdo adormece e a vida do violinista é preservada, graças ao conhecimento da língua de sinais.

Ainda sobre o humor reverberado pela comunidade surda, Morgado (2011, p. 52) afirma:

O humor em língua gestual, seja qual for o país, parece apresentar sempre as mesmas características. Este tipo literário das línguas gestuais perde o seu valor e qualidade se for traduzido para a língua oral ou escrita. Para compreender o sentido do conteúdo de um bom humor em língua gestual é necessário ser fluente naquela, caso contrário, dificilmente perceberá as sutilezas linguísticas.

Infere-se então, que todas as comunidades, inclusive a comunidade surda, usuária da língua de sinais, são ricas e propulsoras em motivações que coadunam com a construção humorística a partir de variadas temáticas da vida diária. No viés das línguas de sinais, pode-se afirmar que elas são línguas completas, capazes de transmitir qualquer assunto em qualquer parte do mundo, portanto são mãos de humor, também.

Neste aspecto, o humor vem ganhando visibilidade e destaque nas mais variadas interlocuções de entretenimento dentro da comunidade surda, essencialmente no formato sinais, jamais transferindo, unicamente, para o formato escrito da língua oral. Pois neste último caso, descaracterizaria a essência cultural, identitária e, de proficiência da língua gesto-visual utilizada pelos componentes do mundo surdo. Para este assunto, Morgado (2011, p. 52) assinala:

O humor em língua gestual, seja qual for o país, parece apresentar sempre as mesmas características. Este tipo literário das línguas gestuais perde o seu valor e qualidade se for traduzido para a língua oral ou escrita. Para compreender o sentido do conteúdo de um bom humor em língua gestual é necessário ser fluente naquela, caso contrário, dificilmente perceberá as sutilezas linguísticas.

Enquanto instrumento catalizador de cultura se faz relevante entender os contornos que o humor toma na vida da pessoa surda inserida na sociedade plural, portanto, há se recortar neste enfoque, o peso que a nomenclatura “cultura surda” assume, na visão de Strobel (2008, p. 24):

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas... é como algo que penetra na pele do povo surdo.

Desta forma, é a cultura surda manifestada na língua de sinais que definirá as produções humorísticas que darão significado a real função social que o humor deve tomar nas mãos do sujeito surdo. Isso é significativo e reflexivo, pois, quando a língua oral e/ou escrita de um país tenta impor ao surdo a compreensão humorística utilizando os seus ditames, incorre aí uma imposição a um universo calcado no aspecto clínico e terapêutico, portanto, o indivíduo surdo é visto como deficiente, o que não deve mais, ser concebido. Momento em que nascerá daí o homem surdo que assujeitado e sem funcionalidade para a sua língua, será incapaz de tecer interações com outros homens para revelar sua cultura.

O Funcionalismo Linguístico e o Sociointeracionismo na compreensão da HQs - Turma da Mônica em LIBRAS

A luz das teorias da Linguística Funcionalistas e do Sociointeracionismo, a HQs apresentada para estudo é de extrema relevância para as pesquisas que se debruçam em estudar a presença da LIBRAS associada ao humor nas historinhas em quadrinhos, visto o HQs se configurar num importante registro, documentado e espalhado por todo o Brasil, uma vez que as HQs de Maurício de Souza são objetos de interações e leitura em todo território brasileiro.

Especificamente no que se refere ao Funcionalismo, Cunha (2010, p. 18) salienta que “é uma corrente linguística que difere do estruturalismo e gerativismo, se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas.”

Assim, relacionar língua (gem) e uso da LIBRAS nos quadrinhos da Turma da Mônica é condição para compreendermos as engrenagens da língua, bem como as trocas e interlocuções que emergem nas condições discursivas reais em que o humor se faz presente.

O emprego da língua de sinais na HQs em estudo, traz olhares que perpassam pela interação social dos personagens, enfatizando o contexto bilíngue para que haja compreensão e realização da natureza das duas língua (oral e gestual).

Nesta análise, não se pretende descartar a estrutura existencial da língua, mas ressaltar a funcionalidade que os fatos linguísticos lidos nas HQs, a partir das entranhas do humor, ganham ao aparecerem em situações comunicativas.

Sendo o contexto a ferramenta primordial para que a funcionalidade da língua emerja é que se percebe a importância dos alicerces oriundos desse processo dinâmico, apresentado pelos personagens da historinha que se comunicam em contextos real com Humberto (personagem surdo).

A aprendizagem que acontece a partir das trocas socioculturais entre personagem surdo e ouvintes na HQs estudada, se reveste da abordagem sociointeracionista na medida em que a língua de sinais é apresentada para fazer a mediação dialógica em pro de um sujeito surdo. Para esta situação Vygotsky (1976 in

VYGOTSKY 2002, p. 3) diz que “Todas as atividades cognitivas básicas do indivíduo ocorrem de acordo com sua história social e acabam se constituindo no produto do desenvolvimento histórico-social de sua comunidade.” Assim, a língua de sinais na HQs em estudo, fica visível a interação mediada pela LIBRAS que demonstra sua função social para que o personagem Humberto entre nos diálogos como alguém de fala, que constrói um projeto de dizer através da manifestação gesto-visual, portanto, pertencente à uma comunidade dialógicos, alicerçados em um circuito em que a língua está em uso.

O sociointeracionismo possibilita o rompimento com abordagens da linguagem emesmada em si, que por isso sustenta um circuito linguístico fechado. Dando visibilidade ao sociointeracionismo é possível vislumbrar no episódio da turma da Mônica a LIBRAS servindo ao processo de interação verbal que ao longo dos diálogos assume referências interacionistas entre o personagem surdo e os ouvintes.

Na configuração contextual em que a historinha acontece, há a ativação de um combinado de práticas e eventos (o corpo, o espaço, o contexto ideológico, o movimento, as interações, e a língua) existentes da construção da identidade e cultura surda que são convidados a aparecer para ativar e dar sentido à língua de sinais permeada pelo humor, pelo entretenimento que se fizeram presentes e apresentado ao grupo pelo personagem Humberto nas suas multiformas de interação.

A presença do funcionalismo e do sociointeracionismo nas pesquisas que sustentam a temática da LIBRAS, como foi o caso da produção da HQs “Humberto em Aprendendo a Falar com as Mãos!” apura a prática de comunicação que alinha o funcionalismo (língua em ação) da língua a sociointeração (personagem surdo e ouvinte), a partir da presença de um ambiente bicultural (LIBRAS e Língua Portuguesa).

A HQ apresentada vem, assim, imbuída de sentidos linguísticos, de ideologias, de muito humor e interação cultural podendo ser considerada de grande relevância sociolinguística, principalmente para quem busca compreender os meandros da entrada da LIBRAS nas vidas das histórias em quadrinhos e/ou da implicação e disseminação sociocultural desta língua.

Assim, Maurício de Souza inaugura um momento histórico na forma de produzir HQs, o que culmina com o marco do antes e, do depois do registro impresso da língua

de sinais nas histórias em quadrinhos no Brasil. Afinal, a aproximação de um homem surdo com um homem ouvinte, só será possível se mediada pelas línguas, enquanto produto que transcende a individualidade de idiomas, ou seja, ao indivíduo surdo é orientado o aprendizado e uso da Língua Portuguesa na modalidade escrita.

A apropriação dos signos linguísticos da LP pela pessoa surda está amparada no Decreto 5626/05, na perspectiva da escola bilíngue:

Art. 13. O ensino da modalidade escrita da Língua Portuguesa, como segunda língua para pessoas surdas, deve ser incluído como disciplina curricular nos cursos de formação de professores para a educação infantil e para os anos iniciais do ensino fundamental, de nível médio e superior, bem como nos cursos de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

No entanto, não é sempre que os espaços sociais respeitam as orientações legais. O resultado disso é a escassez de sinais da libras impressos nas histórias em quadrinhos, ou seja, falta produção de “Quadrinhos em LIBRAS”.

Reconhecemos que as histórias em quadrinhos são escritas que aninhadas nas produções literárias, são consideradas gêneros textuais, utilizando como auxílio para interpretação e compreensão as inúmeras imagens que relacionadas ao texto clarificam e geralmente se presta ao entretenimento. A questão é que não se tem notícias, no Brasil, deste material imagético registrado em língua de sinais para apreensão e deleite humorístico da pessoa surda.

No que diz respeito ao gênero em que há um possível enquadramento para as HQs, Marcuschi (2005, p.19) valida-o como, “fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social (que) contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia”.

Na perspectiva de escrita e comunicação no gênero HQs para as pessoas surdas é importante salientar que favorece a familiaridade linguística em LIBRAS para o desenvolvimento da compreensão e interpretação, a partir da percepção dos sinais enquanto signos que permitem a produção contextualizada da percepção de sentidos, portanto, capaz de serem visíveis nas intenções ideológicas de quem os registra, os escreve.

Uma possível análise

Dando o pontapé inicial para a escrita de histórias em quadrinhos para pessoas surdas Maurício de Souza traz na edição de nº 239, lançada no ano de 2006, nas páginas 35 a 42, um episódio cujo enredo apresenta Humberto (personagem surdo) como usuário da língua de sinais. Para melhor conhecimento dos fatos analisados neste artigo, apresentaremos sob o ponto de vista de leitor, que por ora fomos, alguns detalhes e informações que identificamos no *corpus* (episódio da revista) e que serviram para o estudo. Para tanto criamos alguns tópicos que julgamos relevante:

- **Personagens presentes no episódio:** Mônica, Cebolinha, Cascão, Magali e Humberto.
- **Personagem Principal:** Humberto “**surdo**”: Neste episódio, Maurício de Souza deixa claro que Humberto é surdo e usuário da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS. O site “o mundo do silêncio” traz um breve relato sobre o personagem:

Este personagem foi criado no ano de 1981 da Turma da Mônica. Na maioria das histórias, se mostra que ele não fala, parece mudo, sempre fala assim: “hum, hum”. O site oficial de Maurício de Sousa informa que Humberto, amiguinho da criançada da Turma da Mônica, não fala. Só murmura “hum-hum”... uns acham que ele é mudo. Outros, que economiza a voz. Mas enquanto isso, vai aprontando alguma confusão. Jamais conseguiu ganhar duas coisas quando perguntado. Só fica com uma. Não fica claro, pela historinha, qual é a situação real do Humberto. A historinha mostra que outros personagens se comunicam com ele pelo oralismo, sem mostrar que ele lê lábios: parece que ele ouve e não fala.

- **Enredo:** A história narra, inicialmente, (quadro abaixo) um diálogo entre Mônica e Humberto que emitindo o som “Hum, Hum” leva ao entendimento de negação em tudo o que lhe é perguntado. Do ponto de vista dos outros amigos, Cebolinha principalmente, os “Hum, Hum” do Humberto poderá ter outra intenção, outro sentido linguístico. No desenrolar da historinha ver-se que é o próprio Humberto que convida os amigos para adentarem ao mundo da LIBRAS tecendo argumentações a partir do uso do alfabeto manual.

Figura 1: HQ da Turma da Mônica



Fonte: <http://librasapmceada.blogspot.com.br>

- **Humor:** O humor na historinha transversaliza todo o texto. O exemplo abaixo, presentifica a existência. Nesse trecho, especificamente, o humor está embasado no distanciamento linguístico visual-motor da personagem Mônica, que esbanjando mau humor não entende o significado do “OI” soletrado a partir dos sinais emitidos por Cebolinha.

Figura 2: HQ da Turma da Mônica



Fonte: <http://librasapmceada.blogspot.com.br>

Observa-se que a postura da Mônica é a de alguém que não teve interação alguma com a língua de sinais. Essa é também uma situação recorrente na vida real do povo brasileiro, pois somente uma minoria de ouvintes sabe tecer comunicação em LIBRAS com as pessoas surdas, geralmente familiares. Situação como essa parece ser naturalizada, mesmo sendo a LIBRAS a segunda língua oficial do Brasil.

Talvez isso se deva historicamente a ideia de que a língua oral é instrumento de dominação, pois a primeira tentativa de educação de pessoas surdas se deu pelo método oral. Na perspectiva da oralização dos sujeitos surdos Goldfield (1997) diz que “o Oralismo ou filosofia oralista visa a integração da criança com surdez na comunidade de ouvintes, dando-lhe condições de desenvolver a língua oral (no caso do Brasil, o português)”. Com isso não é de causar estranheza os personagens da turma da Mônica apresentar total desconhecimento da língua de sinais, mesmo convivendo há tempos com um amigo surdo.

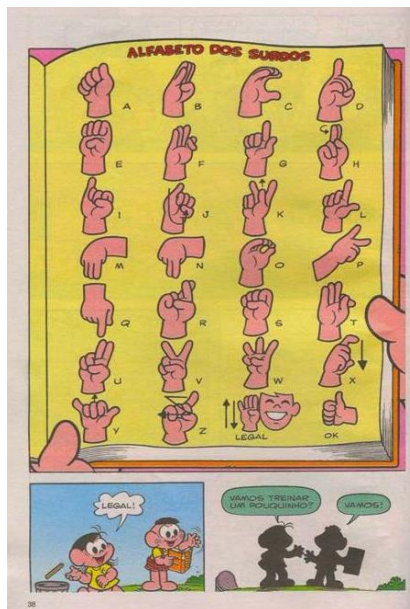
- **Tempo:** a narrativa foi lançada, na revistinha da Turma da Mônica, no ano de 2006.
- **Espaço:** o episódio acontece em um ambiente externo, pelas imagens analisadas, em um jardim, praça ou parque.
- **A estética do texto:** na historinha de oito (8) páginas observa-se, um colorido expressivo, balões comuns para referendar a fala, o pensamento e, o sonho, dentre outros elementos da narração, mas Maurício de Souza apresenta alguns

balões, também, no formato de mãos, principalmente, nas interlocuções em que a fala é do Humberto. Essa é uma criação inovadora e interessante para demarcação do personagem surdo.

- **Línguas usadas nos diálogos:** há presença de duas línguas: a Língua portuguesa e a LIBRAS. Sendo que a fala oralizada aparece mais vezes, talvez por ter mais personagens oralizados (04) em detrimento de personagem surdo (01).
- **Função Social da língua(agem):** tanto a Língua Portuguesa quanto a LIBRAS se apresentam para transmitir o pensamento dos personagens, o que acontece dentro de um determinado contexto prestado a um determinado propósito e fim. Sem essas línguas não haveria a possibilidade do estabelecimento do diálogo bilíngue.
- **Traços psicológicos/comportamentais:** a afetividade e a alegria parecem imperiosas nos diálogos. Todos os personagens apresentam com semblante tranquilos, parecem se gostarem, respeitarem, entenderem. Um laço de amizade e preocupação se mostra presente em todo o enredo mesmo com a aparição das birras da Mônica. Não há indícios de preconceito em relação a pessoa surda ou a sua língua, ou mesmo na fala particular do Humberto com a emissão dos “hum, hum”. No entanto, evidencia-se a desinformação em relação ao uso e prática da língua de sinais, pelos colegas de Humberto, que são motivados a adentrarem a este mundo a partir de um livro apresentado, propositadamente, ao grupo pelo próprio Humberto (sujeito de ação e reação).
- **Possível Intenção do Escritor:** plugado nos acontecimentos educacionais e sociais, Maurício de Souza se coloca na condição de sentinela do problematizar e fazer inclusão abordando a língua brasileira de sinais em sua produção editorial. Tornando-se pioneiro, no Brasil, ao tratar da questão da língua majoritária dos falantes surdos no gênero textual histórias em quadrinhos.
- **A LIBRAS que aparece no episódio da HQs:** durante toda a história, a comunicação que se estabelece é aquela que usa tanto a língua português (personagens ouvintes), quanto à língua de sinais (Humberto). O preocupante é que a LIBRAS se resume, apenas, na apresentação da datilologia e/ou soletração utilizando do alfabeto manual, ou seja, estão em evidência às 26 (vinte e seis) configurações de mãos. Havendo inclusive, na página 38 as imagens deste alfabeto, insinuando que este é o real signo desta língua, o que empobrece e

descaracteriza uso de tantos outros sinais que poderia ter aparecido na história. A exemplo do sinal “legal” constante na tabela baixo.

Figura 3: HQ da Turma da Mônica



Fonte: <http://librasapmceada.blogspot.com.br>

Seguindo, observa-se que os únicos sinais, propriamente ditos, que aparecem fazem menção as palavras LEGAL e OK representados junto ao lado do alfabeto, mas fora do contexto de uso, ou seja, não foi usado pelo Humberto ou outro personagem durante as interlocuções.

Uma explicação para diferenciar o alfabeto manual dos sinais da LIBRAS aparece timidamente, sendo mencionados na página 37, quando Cebolinha diz “sinais que representam palavras”.

Figura 4: HQ da Turma da Mônica



Fonte: <http://librasapmceada.blogspot.com.br>

No fragmento de texto apresentado na página 41: “Usando o alfabeto manual eu não troco a letra”, Maurício de Souza, induz o leitor a resolução “mágica” de um grande problema relacionado a pronúncia da palavra TROCO/TLOCO pelo personagem Cebolinha, que ao longo de décadas aparece nas HQs com esse “vício de pronúncia oral/vício de linguagem” (troca do R pelo L). Seria essa troca de letras, uma qualidade humorística existente no personagem? Na LIBRAS não poderia continuar?

A afirmativa do Cebolinha “Usando o alfabeto manual eu não troco a letra” tende a criar uma falsa expectativa nos leitores de que o alfabeto da LIBRAS, realizado no ar utilizando as mãos, teria o poder, sozinho, de “cura” sem a interferência de profissionais da fala (fonoaudiólogos e outros) para sanar a dificuldade linguística do Cebolinha?

Sem dúvida que esse é um debate polêmico. O problema é de som e não de escrita? Ou seja, eu falo tloco, mas na LIBRAS eu escrevo TROCO a partir do uso do alfabeto visual motor. E como ficaria isso no registro da língua portuguesa para Cebolinha? Reitera-se, que este acontecimento pode, no entanto, ser considerando ainda, uma estratégia para evidenciar a manifestação do humor, o que torna aceitável a afirmação (“Usando o alfabeto manual eu não troco a letra”) bastante expressiva do Cebolinha.

- **Identificadores para o alcance da Inclusão linguística:**
 - Apreciação do Humor a partir da interação linguística entre a LIBRAS, os personagens surdos e ouvintes
 - Apresentação do humor na perspectiva do personagem surdo em HQs
 - Apresentação da LIBRAS no contexto do gênero textual história em quadrinhos;
 - Visibilidade nacional à LIBRAS;
 - Mudança de comportamento linguísticos dos amigos do Humberto para colocá-lo dentro do diálogo (é importante aprender a LIBRAS);
 - Esclarecimento sobre a constituição paramentais da LIBRAS, ou seja preocupação em diferenciar o alfabeto manual dos sinais da LIBRAS, indicando que estes últimos representam, na língua portuguesa, as palavras;
 - Instiga o aprendizado e conhecimento da LIBRAS no espaço de uso.

Diante ao apresentado, infere-se que as provocações e anotações levantadas pretende ressaltar a importância da língua brasileira de sinais- LIBRAS na HQs apresentada ao Brasil pelo relevante escritor Maurício de Souza, que se preocupou, entre outros aspectos, em demonstrar a constituição identitária e cultural do povo surdo, tendo o humor como coadjuvante.

Palavras finais

Neste artigo, objetivamos discutir a história em quadrinhos apresentada por Maurício de Souza, enquanto gênero textual narrativo permeado pelo humor e pela presença da língua brasileira de sinais

Ressaltamos que a aparição/registro da LIBRAS na HQs é recente, que sua publicação na Turma da Mônica foi apenas em uma edição. O que caracteriza a HQs como uma área que carece de mais estudos e publicações para cativar o povo surdo e ouvinte a partir da leitura em sinais. Evidenciamos ainda que a LIBRAS deve aparecer com mais propriedade nos diálogos, não só no formato alfabeto manual (datilologia e soletração) com os próprios sinais desta língua, pois esta seria uma possibilidade de apresentação mais elaborada, mais rica linguisticamente, mais sociodiscursivas e mais

significativas à textual constituição sociocultural dos indivíduos surdos que as lerão.

A HQs apresentada mostra preocupação na valorização da língua de sinais dos surdos brasileiros, enquanto engrenagem rica e natural, necessária a comunicação em todos as oportunidades que emergem dos espaços sociais.

Sugere-se a continuidade das produções de HQs em LIBRAS, pois estas poderão ser lidas por crianças brasileiras, principalmente as ouvintes, que terão a oportunidade de crescerem aprendendo um vocabulário básico e assim lançar comunicação com conhecidos surdos, familiarizando com sua cultura e edificando bases linguísticas inclusivistas.

Por assim dizer, ao apresentar a LIBRAS na produção textual tendo por base o gênero história em quadrinhos, Maurício de Souza, convocou a sociedade editorial a lançar um olhar mais apurado em relação ao respeito com aqueles que se apropriaram de uma língua gesto-visual como instrumento de comunicação com o mundo social. Espaço em que o humor aparece e se faz necessário para a conquista da qualidade de vida, visto o entretenimento ser um canal de demonstração do prazer e da alegria, condições básicas para desencadear a satisfação pessoal e conseqüentemente o equilíbrio emocional. Como diz Propp (1992, p. 190): “o riso é importante como arma de luta, mas é também necessário enquanto tal como manifestação de alegria de viver que estimula as forças vitais”.

Na produção de Maurício de Souza, há preocupação em dar visibilidade ao uso e ensino da língua de sinais, particularmente demonstrando que a função social da LIBRAS abarca a inclusão, o entretenimento e o incentivo para que o ouvinte aprenda-a, tanto nos aspectos linguísticos-funcionas como nos socioculturais e interacionais, o que é bastante positivo. Essa tomada de atitude pressupõe o entendimento da língua e valorização da história e vivencia sociocultural do povo surdo, bem como das concepções que encharcam o uso da língua. É preciso, portanto, considerar o que registrar, para quem e porque isso é significativo para os leitores de HQs surdos. Essa atitude demanda requer pensar o humor surdo salientando a diferença e necessidade tridimensional (lugar, homem, língua).

Negar essa realidade é embaçar a identidade surda. Assim, pensar a língua de sinais na intenção de quem a usa, é propor ações a partir das funções comunicativas que esse sistema irá exercer frente aos que servem, pois é a partir deste ponto que o

indivíduo usuário da língua irá interagir com o mundo a partir das suas mais multifacetadas sociointerações.

Nesta breve provocação, não se quis ou intencionou refutar a iniciativa do escritor Maurício de Souza, mas de propor-lhe que adentre com mais afinco e precisão às futuras produções de HQs usando, posteriormente, os sinais nos diálogos em LIBRS, inclusive, antecedendo a escrita de HQs, consulta e escuta acirrada da opinião dos mais interessados: os leitores surdos.

No que tange ao Humor na HQs apresentada, é imprescindível dizer que este foi feliz, preciso, inusitado e necessário à realização de uma leitura e interpretação individual, uma vez que adentrar ao mundo do humor é percebê-lo, particularmente, tendo por canal as provocações emanadas da cultura e amparadas pela língua que se usa.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei 10.436/02. Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005*. Brasília: MEC, 2005. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva*. Brasília: MEC, 2008.

BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. 2ª ed. São Paulo: Editora Cortez 2006.

GOLDFELD, M. *A criança surda*. São Paulo: Pexus, 1997.

CUNHA, A. F. *Funcionalismo*. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2010.

KARNOPP, L. B.; SILVEIRA, C. H. Humor na literatura surda. In: *Educar em Revista* (Impresso), p. 93-109, 2014.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MORGADO, M. *Literatura das línguas gestuais*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.

SOUSA, M. *Humberto em Aprendendo a Falar com as Mãos*. Edição de nº 239. Ed. Maurício de Sousa. São Paulo, 2006.

NOGUEIRA, C. M. *A história da deficiência: tecendo a história da assistência a criança deficiente no Brasil*. Disponível em <https://pt.scribd.com>. Consultado em 27/09/2016.

PADDEN, C.; HUMPHRIES, T. *Deaf in America: Voices form a culture*. London: Harvard University Press.1988.

PROPP, V. *Comicidade e riso*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

RAJAGOPALAN, K. Política Linguística: do que é que se trata, afinal? In: NICOLAIDES, C., et al. (Org.) *Política e Políticas Linguísticas*. Campinas: Pontes Editores, 2013. p.19- 42.

STROBEL, K. L. Surdos: vestígios culturais não registrados na história. *Tese de doutorado (Educação)*. Santa Catarina: UFSC, 2006.

_____. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

SÁ, N. R. L. *Cultura, poder e educação de surdos*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas. 2002.

SKLIAR, C. Uma Perspectiva Sócio-Histórica sobre a Psicologia e a Educação dos Surdos. In: SKLIAR, C. (org.). *Educação & Exclusão: Abordagens SócioAntropológicas em Educação Especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997. p.105-153.

VYGOTSKY L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>.